

**SABERES ASSESSORIA EDUCACIONAL  
MESTRADO DA DOCENCIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**SANDRA SUELY DOS SANTOS VELOSO**

**BOURDIEU – *HABITUS* E CAMPO NA PRÁTICA DOCENTE**

**BELÉM/PA  
2015**

## BOURDIEU - HABITUS E CAMPO NA PRÁTICA DOCENTE

<sup>1</sup>Sandra Suely dos Santos Veloso

<sup>2</sup>Everaldo de Deus

### RESUMO

A proposta deste trabalho é refletir sobre a perspectiva sociológica de Pierre Bourdieu e sua relevante contribuição para as diversas áreas do conhecimento, dentre elas, o conceito de *habitus* e campo para nortear o trabalho docente enquanto agente social. A reflexão baseia-se em alguns conceitos fundamentais defendidos por Bourdieu na obra *O poder Simbólico* (2002) onde serão analisados especialmente aspectos da Sociologia Reflexiva e sua relação com o *habitus* e campo nas práticas docente. Serão utilizados conceitos de alguns autores sobre *habitus* e campo, como suporte para reforçar a abordagem sociológica da educação de Bourdieu, como Bonnewitz (2003), Silva (2005), Tardif (2002), Perrenoud (2001 e 2002).

**PALAVRAS-CHAVE:** Pierre Bourdieu. Campo. Habitus. Sociologia Reflexiva. Docência.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso Educação, Interdisciplinaridade e Subjetividade pela UNASUR/SABERES.

<sup>2</sup> Prof. Da disciplina Sociologia da Educação

## INTRODUÇÃO

O Capitão Jonathan,  
 Com a idade de dezoito anos,  
 Captura, um dia, um pelicano  
 Em uma ilha do Extremo Oriente.  
 O pelicano de Jonathan,  
 Na manhã, põe um ovo totalmente branco  
 E desse ovo sai um pelicano  
 Que se parece espantosamente com o primeiro pelicano.  
 E o segundo pelicano  
 Põe, por sua vez, um ovo também branco  
 De onde sai, inevitavelmente,  
 Um outro do mesmo jeito.  
 Isto pode durar muito tempo  
 Se, antes, não for feita uma omelete.  
 (Robert DESNOS apud BOURDIEU, 1982, p. 7)

O contato de Bourdieu com outros campos da ciência trouxe ao trabalho do autor uma compreensão diferenciada e peculiar sobre manifestações sociais, uma vez que suas reflexões sobre a sociedade aliam o combate social às finalidades de mudança. É nesse contexto que a atuação do professor, enquanto agente social, deve estar centrada, na articulação entre campo, *habitus* - inclusive o seu próprio - e a prática docente.

Em seus estudos, definidos como análise relacional, o autor tenta compreender mais profundamente os fundamentos da sociedade e do seu tempo, tal qual a prática docente requer: “conceitos contínuos” para aplicação contínua. Cabe ao cientista- e o docente deve incluir-se aí - conscientizar-se do seu papel social, uma vez estar-lhe cabível a quebra de noções pré concebidas a título de senso comum. Cabe a ele buscar novas formas de compreensão social, institucional e de si próprio. Para o autor, necessariamente, deve-se observar o *habitus*, uma vez que a transformação das práticas inicialmente passa pela transformação do *habitus*.

## CONCEITO DE HABITUS E DE CAMPO

Para Bourdieu, *habitus* é

(...) sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos

resultados obtidos, dialeticamente produzidas por estes resultados. (BOURDIEU apud MICELI, 1987: XL).

Diversos autores, ao inclinarem-se para uma abordagem sociológica das ciências, entre elas a educação, recorrem aos fundamentos de Pierre Bourdieu para apoiar seus estudos sobre *habitus* e campo. Bonnewitz (2003) refere-se a *habitus* como um conjunto de mecanismos que, ao serem assimilados pelo indivíduo, colaboram para que este se relacione socialmente apropriando-se de normas e valores sociais. Sob a ótica de Canezin (2000) *habitus* ao ser incorporado pelo indivíduo como percepção de valores, costumes e formas de pensar, pode fornecer-lhe compreensão e interpretações sociais, possibilitando a este orientar-se e regular-se socialmente. Conclui-se que *habitus* corresponde a um princípio gerador para uma ação social. No âmbito docente (SILVA, 2005) *habitus* corresponde as influências recebidas pelo professor - seu modo de ser a agir – indicadoras das práticas docentes oriundas da cultura da escola e da realidade social do professor, também definido como *habitus* professoral. Tardif (2002), destaca a formação, apropriação e utilização de saberes pelo professor diferenciados pelos saberes da experiência, construídos e desenvolvidos no cotidiano profissional, considerando que estes saberes experienciais vem a tomar forma de *habitus* ao associar-se à prática pedagógica profissional. Perrenoud (2001) utiliza o conceito de *habitus* como um “condutor” das práticas do professor e associa-o ao fazer cotidiano do professor, denominando-o *habitus* profissional, que se refere às rotinas construídas ao longo da trajetória e utilizadas de forma inconsciente nos momentos que considera oportuno.

o *habitus* profissional é composto por rotinas que o professor vai construindo ao longo de sua carreira; pelo momento oportuno, a utilização de saberes e representações explícitas capazes de dirigir uma ação; pela ação racional, utilização de conhecimentos aliados ao raciocínio rápido e pela improvisação regrada, parte imprevista na ação planejada. (PERRENOUD, 2001, p. 72).

No entendimento de Tardif (2002), no exercício cotidiano da função docente, os condicionantes aparecem relacionados a situações concretas que não são passíveis de definições acabadas e que exigem improvisação e habilidades pessoais, bem como a capacidade de enfrentar situações mais ou menos transitórias e variáveis. Lidar com condicionamentos e situações é formador. Isso permite ao docente desenvolver o *habitus* que lhe permitirá enfrentar os condicionamentos imponderáveis da profissão.

Diante destas ponderações, atenta-se para a seguinte indagação: considerando *habitus* e meio, quais perspectivas devem nortear a prática profissional do professor? Segundo Perrenoud (2002) o *habitus* na ação docente está relacionado às diversas formas de culturas existentes e a relação com estas no seu exercício profissional. Logo, para a prática docente cultura e *habitus* estão dispostos de forma inerente. É base fundamental para o professor relacionar as percepções e compreensões do mundo (cultura) às referências para estas percepções e interpretações da realidade (*habitus*).

Para Bourdieu, os conhecimentos precisam ser produzidos, para que possam ser utilizados pela sociedade, na vida cotidiana, a partir da criação de novos objetos de conhecimento. Uma ciência da ciência - uma educação da educação -. Na atividade docente isso não seria possível, senão por meio do fortalecimento do debate ao encontro de mudanças nas práticas professorais, onde o *habitus* também se refere ao campo de atuação do professor, compreendido pelo espaço escolar e as relações pedagógicas capazes de abarcar alunos, coordenadores, diretores, diretrizes escolares e sociedade.

Bourdieu, em seus estudos, refere-se a campo como um espaço simbólico, dinâmico, com lógica e leis próprias, onde ocorrem relações entre indivíduos, grupos e estruturas sociais, no qual estes agentes determinam representações e as tornam legítimas, uma vez que o intuito de serem sucedidos define as relações entre seus componentes.

...um campo se define, entre outras coisas, estabelecendo as disputas e os interesses específicos que estão em jogo. Para que um campo funcione é preciso que haja lutas, ou seja, indivíduos que estejam motivados a jogar o jogo, dotados de *habitus* implicando o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo (BOURDIEU, 1980, p. 89).

Necessariamente a ação do professor, um agente social, está atrelada ao movimento de estímulo e evolução existente entre campo e *habitus*. Sendo o campo, o espaço simbólico onde são produzidos, consumidos e classificados os bens simbólicos pelos agentes sociais, e estes vão buscar adequar-se em pensamento, percepção e ação, segundo as exigências, o *habitus* contribui determinando, mantendo e reforçando a reprodução, organização e funcionamento do campo. O agente social ao desconhecer as exigências estabelecidas no campo, assim como o *habitus* estará sujeito a privações tanto de aceitação, como de permanência. Isso evidencia uma batalha pela legitimação

da autoridade no campo. O professor, cujo ofício é trabalhar um bem simbólico, estimulando saberes para a produção de conhecimentos, por meio de práticas pedagógicas que requerem práticas incessantes de aprendizado, permeia este movimento, uma vez que o *habitus* que move a prática docente envolve questões muito mais amplas e complexas como: processo de socialização familiar (valores repassados de pais para filhos), socialização escolar (influências recebidas pelo professor e suas repercussões nas suas atividades profissionais docentes). Todo esse paradoxo presente na prática professoral culmina com o desafio maior: a sensibilidade para perceber as diferenças naturais existentes entre os agentes, objeto do seu trabalho - seres humanos.

Outro aspecto importante observado por Bourdieu (1998), refere-se a escola, como um produto de (ou para) sociedade de classe. Logo, representa os interesses desta sociedade de classe, na qual os bens culturais – acúmulo de conhecimentos recebidos a partir de uma situação social estruturada segundo a hierarquia do capital econômico e do poder - são distribuídos de forma desigual, constituindo-se então em “um dos mais eficazes fatores de conservação social” no qual é evidenciada uma enorme distância entre a realidade escolar e as práticas de ensino adotadas, segundo as políticas educacionais voltadas para interesses politicamente econômicos. Isto posto, o sistema (educacional) vigente preconiza objetivos dissimulados, inclusive no referente as práticas adotadas pelos profissionais da educação, dentre estes, o professor, conforme afirma Bourdieu.

“a igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve como máscara e justificação para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou, melhor dizendo, exigida”. (BOURDIEU, 1998, p. 53).

Quanto a busca pelo conhecimento para as práticas docentes, vale salientar que Bourdieu, defende este domínio sem amarras intelectuais e sem fórmulas, debruçado sobre o estudo da história social dos problemas e as formas de pensar o mundo e a quais interesses atendem. Somente assim é possível compreender socialmente as estruturas estruturadas (predispostas a funcionar como estruturas estruturantes) de poder e como todos os indivíduos estão suscetíveis a estas, para então, modifica-las. Este seria o papel vigilante da escola, onde se produz conhecimento, contexto no qual o professor está inserido. Implica em estar aberto a novas descobertas, em romper com o que já é

conhecido, abstrair contribuições com os erros cometidos. Para o autor, tudo é condicional ou questionável. O professor em suas análises, nunca pode distanciar-se da parcialidade, por meio de um trabalho minucioso, mal-intencionado, realizável aos poucos, carente de sucessivos retoques e correções. Caso contrário, torna-se “ingênuo”.

As intenções pedagógicas de Bourdieu, relacionadas às práticas de ensino, sugerem o compartilhamento dos problemas e dificuldades como a melhor forma para chegar aos acertos. A forma de ensinar “faz como eu” deve dar lugar a formas de transmissão de saberes mais explícitas, valorizando formas de pensamento e de agir. Já que ensinar, essencialmente, é um modo de produção científico que supõe percepção, conjunto de princípios que requerem senão o “ver operar”, a prática pura sem teoria, vê-se que é uma prática que não se relaciona com o ensino dos saberes, mesmo tendo sido esta (da prática a prática) a forma de ensino recebida por boa parte dos cientistas. O processo de transmissão de saberes requer pesquisa à luz do rigor científico, com racionalidade permeada por dúvidas, receios, angústias e dificuldades. Estas deverão estar sempre presentes no trabalho do professor, considerando-se o melhor aproveitamento do tempo e demais recursos disponíveis para um trabalho focado na realidade. Isso posto, deve ter consciência do seu papel ao se expor e ao correr riscos, uma vez que, provavelmente, sofrerá críticas ou sugestões que, certamente, são as melhores formas para se chegar aos acertos.

O professor precisa de informações para dar formato ao seu trabalho, mas precisa de limites para não descaracterizar a sua essência, pois corre o risco de construir falsas realidades quando não atenta para os procedimentos metodológicos, nos quais os problemas abstratos e teóricos devem ser convertidos à prática, considerando desde o levantamento de questões, por mais triviais que sejam. Outra questão relacionada ao risco na construção de falsas realidades, refere-se a ideia de que a prática docente requer o domínio absoluto do saber necessário ao desempenho da sua disciplina. Requer o saber necessário baseado no crescimento das suas capacidades e conhecimentos sobre métodos, técnicas, conceitos e teorias, sem automatismos e “evidências cegas” dos poderes simbólicos previamente construídos.

Um professor deve (sim) elucidar pressupostos teóricos, princípios e preceitos, mas, sobretudo, precisa avançar na forma de pensar relacionalmente, ou seja, a teoria

não pode afastar-se da aplicação realizável, caso contrário, todo o resultado será puramente teórico e conceitual, reforçando a ideia antagônica de teoria *versus* metodologia, adotada e imposta pelos sistemas educacionais, nos quais as evidências utilizadas para a construção de objetos de estudo, referem-se apenas a um pequeno recorte de um contexto muito maior, mas validada por uma “tradição pedagógica” que “recria aparentemente” fundamentos metodológicos, capazes de encobrir erros de construção de objetos de estudo.

Outra concepção importante abordada por Bourdieu (arbitrário social) e reforçada por Tardif (2002) refere-se ao saber dos professores enquanto um saber histórico-social, uma vez que o fruto do ensino, assim como a maneira de ensinar, precisa evoluir com o tempo e com as mudanças da sociedade. Logo, se este saber é adquirido, incorporado, modificado e adaptado ao longo da socialização profissional do professor, que engloba várias fases da carreira sua profissional, somente pode ser interpretado como um saber social.

## **CONSIDERAÇÕES**

Apoiando-se nos conceitos de *habitus* e campo, sob o olhar sociológico de Bourdieu, buscou-se fazer uma análise reflexiva sobre quais perspectivas devem nortear a prática profissional do professor, fundamentada também nos conceitos de cultura e bens culturais, aliados à realidade escolar e às práticas de ensino adotadas. Sendo *habitus* disposições duráveis funcionando como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão e gerando práticas que podem ser objetivamente reguladas e regulares sem ser produto de obediência a regras, trata-se de uma referência que pode possibilitar a percepção e a interpretação da realidade, considerando a sua pré disposição em estar aberto a novas descobertas e a romper com as rupturas daquilo que já é conhecido, uma vez que para Bourdieu, os indivíduos agem de forma orientada por um *habitus* social, que não define a ação do indivíduo de forma totalmente autônoma, tampouco, mecânica, mas é produto do trajeto social destes indivíduos. Assim sendo, pode-se expor abreviadamente que o *habitus* que mobiliza a prática docente (professoral) refere-se a: desde ao processo de socialização familiar, no qual evidencia-se os valores transmitidos de pais para filhos; no processo de socialização escolar, momento em que evidencia-se a memorização das experiências educativas marcantes vivenciadas pelo



professor a as influências destas na sua atuação profissional, com destaque para o fato de que a prática pedagógica não deve ser pautada na sedimentação e na superposição de valores, mas sim como um resultado de uma prática incessante de aprendizado, que produz *habitus* (para o professor e aluno).

Bourdieu afirma que a prática pedagógica evidencia um *habitus*, pois trata-se de uma ação à aprendizagem da qual se espera a produção de resultados gerados por conta de um trabalho contínuo e incessante, que deve evoluir com o tempo e com as mudanças sociais. Segundo o autor “ensinar (e pesquisar) não é uma atividade como as outras, porque supõe muitas virtudes, muita generosidade e devoção, mas sobretudo muito entusiasmo e idealismo” (BOURDIEU, 1985, p. 19).

## **REFERÊNCIAS**

- BONNEWITZ, P. Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, P. Introdução a uma Sociologia Reflexiva. In: \_\_\_\_\_. O poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CANEZIN, M. T. Conceito de Habitus na teoria da prática: fundamentos do diálogo de Bourdieu com o pensamento Durkeimiano. In: :\_\_\_\_\_. Introdução à teoria e ao método em ciências sociais e da educação. Goiânia: Ed. da UCG, 2001.
- PERRENOUD, P. O trabalho sobre o *habitus* na formação de professores: análise das práticas e tomada de consciência. In:\_\_\_\_\_. Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- SILVA, M. O *habitus* professoral: o objeto dos estudos sobre o ato de ensinar na sala de aula. Revista Brasileira de Educação, n.29, 2005.
- TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.